



Energia dos cristais: requalificação expográfica no Museu Geológico da Bahia

Ângela Cristina Filgueiras de Matos¹

Elizandra Pinheiro dos Reis²

Luciana Oliveira Messeder Ballardo³

Resumo: Este artigo trata da requalificação do núcleo expositivo Energia dos Cristais do Museu Geológico da Bahia, relatando o processo desse trabalho. Com poucos recursos financeiros, o maior desafio foi conceber uma nova configuração em uma área reduzida com mobiliário embutido e identificar soluções técnicas para estabelecer uma via de comunicação mais próxima do público. O texto apresenta os caminhos trilhados na elaboração e montagem dessa exposição e os aspectos relacionados com o acervo antes e depois do processo de construção do projeto.

Palavras-chave: Exposição; Requalificação; Museu Geológico da Bahia.

Energy of the crystals: exhibition requalification in the Geological Museum of Bahia

Abstract: This article deals with the Geological Museum of Bahia's Energy of Crystals showroom exhibition requalification, reporting the process of this work. Having few financial resources, the biggest challenge was to design a new configuration in a reduced area with built-in furniture, furthermore to identify technical solutions to establish a communication route closer to the public. This paper presents the paths taken in the elaboration and assembly of this exhibition and the aspects related to the collection before and after the project construction process.

Key-words: Exhibition; Requalification; Geological Museum of Bahia.

Introdução

O Museu Geológico da Bahia foi criado em 4 de março de 1975, pelo Governo do Estado da Bahia, nas dependências da Secretaria das Minas e Energia, e desde 1982, encontra-se instalado em sede própria, em casa de quatro pavimentos, construída no estilo Art Déco em meados do século XX, situado à Avenida Sete de Setembro, 2195, Corredor da Vitória, Salvador-BA. Atualmente, o Museu está vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico – SDE e dispõe de cerca de duas mil peças expostas, referentes aos seguintes temas: Meteoritos, Universo/Sistema Solar, Minerais, Rochas, Recursos Minerais, Minerais e Rochas Industriais, Artesanato Mineral, Garimpo, Minerais Radioativos, Gemas, Petróleo, Otto Billian, Rochas Ornamentais, Fósseis e Energia dos Cristais. Quando a propriedade foi adquirida, os cômodos da casa passaram por adaptações físicas, salas, quartos e banheiros foram transformados em ambientes expositivos.

¹ Especialização em Gestão Organizacional Pública (UNEB), Especialização em Produção Editorial (FUNDESP-UCSAL), Bacharel em Ciências Econômicas (UFBA) e Administração de Empresas (UCSAL). Analista Técnica do Museu Geológico da Bahia - Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Bahia).

² Geógrafa (UCSAL). Especialista em Coordenação Pedagógica (UFBA). Coordenadora II Museu Geológico da Bahia. e-mail elizandra.reis@sde.ba.gov.br

³ Mestre em Patrimônio Cultural (UFSM). Docente do Curso de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Vice-coordenadora do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia.

A exposição temática “Energia dos Cristais” foi aberta ao público em 2002 com acervo constituído por um conjunto de minerais e peças confeccionadas com cristais, painéis e textos explicativos sobre a utilização dessas substâncias, de origem geológica, por diferentes culturas, seus usos e significados. Esta exposição é uma unidade expositiva de longa duração do Museu Geológico da Bahia, e passou atualmente por uma requalificação. Este trabalho apresenta as características físicas do espaço e aspectos relacionados com o acervo antes e depois da requalificação.

Vale destacar que a requalificação envolveu apenas o recurso financeiro para a substituição de revestimentos danificados. Neste contexto, questiona-se: a viabilidade da realização de um projeto de requalificação da expografia em uma sala com espaço limitado; a renovação de tal exposição utilizando o mobiliário ensablado na própria estrutura arquitetônica de um antigo banheiro; a necessidade de ampliar o espaço de circulação com a valorização das peças expostas.

Dessa forma, e acrescentando-se o fato de haver peças em duplicatas e material explicativo com textos extensos, o objetivo do presente trabalho é apresentar as alterações significativas que ocorreram na sala “Energia dos Cristais”, e contribuíram para a melhor apresentação e compreensão desse espaço museológico.

Histórico

A exposição “Energia dos Cristais” manteve-se em sua forma original até maio de 2016. A substituição dos revestimentos do mobiliário embutido foi solicitada pelo museu, em junho de 2016, devido ao estado de deterioração evidente, principalmente no expositor em degraus. Em julho do mesmo ano, o serviço foi autorizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, alavancando o projeto de requalificação da exposição Energia dos Cristais, que vinha sendo almejado pela equipe da instituição desde 2015. Para a elaboração e montagem da nova exposição, a equipe contou com dois funcionários do Museu e uma museóloga, colaboradora externa convidada.

Energia dos Cristais antes da requalificação

Em 2002, um dos antigos banheiros da residência sofreu uma intervenção física para abrigar a exposição “Energia dos Cristais”. A exposição foi aberta ao público em 06 de março de 2002. O ambiente com área de 10 m², dois armários embutidos com portas e prateleiras de vidro (adaptadas para vitrines), dois painéis presos nas paredes com imagens e textos, contava ainda, com um expositor composto por cinco degraus de madeira revestidos com fórmica cinza, piso e paredes de mármore em tons de rosa com frisos em mármore preto. (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 1: Entrada da exposição.



Fonte: Autor

Figura 2: Painel lateral e expositor em degraus.



Fonte: Autor

Figura 3: Painel e armários embutidos.



Fonte: Autor

Três questões eram fundamentais para a equipe de requalificação da exposição: o aumento da área destinada a circulação, que naquele contexto, restringia-se a pouco mais de 4,5 m²; reduzir o número de objetos da exposição, que perfazia um total de 99 peças entre minerais brutos e lapidados (Figuras 4 e 5); e sintetizar os longos textos informativos que acompanhavam os exemplares (Figuras 6).

Figura 4: Quantidade excessiva de bolas de cristal e árvores da felicidade (vitrina).



Fonte: Autor

Figura 5: Cristais brutos no expositor em forma de grau.



Fonte: Autor

Figura 6: Textos informativos longos ao lado de cada peça.



Fonte: Autor

Além dos textos informativos, a sala dispunha de dois painéis laterais, fixos na parede, cada um com 225 cm x 80 cm (figura 7), contendo textos introdutório e setoriais, assim distribuídos: texto de apresentação da sala, questionamentos sobre a emanção de energia pelos cristais, posicionamento dos chacras no corpo humano, mapa da Bahia com a localização das minas produtoras de gemas coradas e a imagem do cristal representativo do mês (12 impressões trocadas mensalmente).

Figura 7: Painéis com textos introdutório e setoriais.



Fonte: Autor

Quanto ao recurso expositivo relacionado com as cores, o ambiente era predominante em tons de rosa e preto nos frisos, ambos em mármore, nas paredes e piso, enquanto a estrutura onde estavam dispostos os textos e as peças, quer sobre as prateleiras de vidro ou sobre a madeira, estava caracterizada por um mobiliário expográfico com fórmica de cor cinza.

Processo de Requalificação

Como já foi mencionado, o antigo banheiro da casa foi o espaço destinado à exposição Energia dos Cristais. A equipe responsável pela requalificação foi informada de que nesse espaço havia uma banheira e que o expositor em degraus foi ensamblado sobre a mesma para ocultá-la. Havia apenas uma foto antiga

da banheira (Figura 8), porém, não se tinha certeza de sua existência, o que impossibilitava uma projeção antecipada de possíveis modificações na estrutura do mobiliário.

Figura 8: Antiga banheira.



Fonte: Arquivo do Museu Geológico da Bahia.

Figura 9: Detalhes da banheira sem a cobertura.



Fonte: Autor.

O serviço contratado, para a substituição dos revestimentos danificados, beneficiava a troca das fórmicas dos armários e do expositor em degraus. Para se ter a certeza de que a banheira encontrava-se sob as os degraus foi solicitada a retirada das madeiras. Confirmou-se a presença da banheira como pode ser visto na Figura 9.

Decidiu-se por uma nova configuração do mobiliário que cobrisse apenas a área de banho, aplicando a fórmica diretamente no mármore e na parede (Figura 10) com o duplo objetivo de neutralizar o efeito visual provocado pelas cores do mármore mesclado, direcionando a atenção para as peças e ao mesmo tempo, ampliar o espaço de circulação do público.

Em uma exposição museológica, em se tratando das cores, o mais importante, “es tener siempre presente que el uso del color no debe obstaculizar o interferir con la observación directa y plácida del objeto, no distraer la atención sino concentrarla” (BARBOSA, 1993).

A exposição aborda os cristais e sua utilização não-científica no decorrer da história humana, em diferentes culturas. A variedade de cores dos objetos expostos envolvidos por paredes e piso em mármore em tons de rosa mesclado com frisos pretos, afetam a visualização e desviam a atenção do objeto museológico.

Ao compararmos o revestimento novo, dos armários e do expositor de madeira, com o antigo dos painéis, observa-se uma pequena alteração de cor: cinza médio (painéis) e cinza claro, azulado, do revestimento novo (Figura 11).

Figura 10: Novo formato após o revestimento da banheira.



Fonte: Autor.

Figura 11: Painel com forro em cinza e plataforma com novo revestimento em cinza mais claro.



Foto: Autor.

Quanto a circulação é elemento essencial para a exposição museológica, visto que, uma de suas principais finalidades é a comunicação com o público e esse objetivo se concretiza, efetivamente, apenas através da interação com o visitante (CURY, 2005). Portanto, não haveria sentido realizar a expografia num espaço em que o fluxo de pessoas fosse comprometido, pois isso seria similar a criá-la para que fosse encerrada em uma sala.

Entre as prerrogativas relacionadas à circulação do espaço de exposição que devem ser atendidas estão: a visualização de vitrinas e painéis, levando em consideração o campo visual de uma pessoa correspondendo ao cone com ângulo de 40°; e a distância mínima de 2,30 m entre os variados suportes que compõem o mobiliário expositivo, a fim de possibilitar a acessibilidade concomitante de dois adultos e duas crianças (FERNANDEZ, 2014).

No caso da expografia da sala Energia dos Cristais, como dito anteriormente, a cobertura antiga de toda a área da banheira reduzia o espaço de circulação, mas a partir da reforma do expositor, cobrindo apenas o local destinado ao banho, ampliou-se a área de fluxo de visitantes para pouco mais de 6 m².

Outra questão importante que deve ser considerada é a tendência, quando existe uma quantidade grande de peças no acervo e pouco espaço em Reserva Técnica, em acumular objetos repetidos em uma mesma vitrine ou outro suporte expográfico. Dessa forma, a equipe de expografia precisa resistir “[...] à tentação de colocar em exposição objetos em excesso, [...]” visto que, eles “[...] devem ser selecionados com o objetivo de melhor ilustrar a idéia que está sendo apresentada” (CRESPO FILHO, 2005). Além disso, o uso exagerado de objetos pode “*confundir o público*” e obstruir o papel educativo da exposição (SUESCUN e SCHEINER, 2012).

Ao analisar os objetos expostos, verificou-se um excesso de amostras similares sob o mesmo módulo (Figuras 4, 5 e 6) e como solução, procedeu-se a manutenção de um exemplar de cada objeto, realizando a remoção de 42 peças, no total, com o objetivo de facilitar a fruição da exposição.

O excesso de objetos conduz a outro problema frequente em muitas exposições de longa duração, que é o uso acentuado de textos, levando o visitante à sensação de estar “*esmagado*’ pela quantidade de peças e *encharcado*’ por etiquetas” dificultando a comunicação museológica no espaço de tempo reduzido que a maior parte do público disponibiliza para a visitação (CRESPO FILHO, 2005).

Havia uma quantidade demasiada de etiquetas na exposição, conforme representado nas Figuras 6 e 7, o que gerava poluição visual e desinteresse de leitura por parte do visitante. Os textos informativos ganharam uma versão resumida e foram redimensionados para serem dispostas em displays menores.

A exposição carecia de textos orientativos para identificação dos núcleos expositivos, em contraposição ao exagerado uso de textos informativos e ausência de linearidade do discurso expográfico revelado pelos textos explicativos⁴. Essas questões foram solucionadas a partir da reorganização do acervo que deram origem a três módulos: “Cristais, origem do nome e aspectos históricos”, “Cristais e chacras, uso Terapêutico” e “Uso artesanal e esotérico”.

- **Cristais, origem do nome e aspectos históricos.** Compõem o núcleo um painel e as amostras brutas de minerais. No painel lateral, fixo na parede, manteve-se a apresentação da exposição e a localização das principais minas de gemas encontradas no Estado da Bahia. No novo expositor, as peças de cristais brutos foram acomodadas em pedestais, de diferentes alturas, possibilitando a ideia de movimento e cada objeto acompanhado por etiqueta com o nome do mineral e informações sobre o seu uso no decorrer da história. É importante ressaltar que os pedestais e os displays encontravam-se disponíveis no depósito do Museu.

- **Cristais e chacras uso terapêutico.** Conta com amostras de cristais e informações sobre os sete principais chacras do corpo humano, a utilização dos cristais, segundo a filosofia hindu. Compõe o módulo a imagem do corpo humano destacando a localização de cada chacra (painel lateral) e um exemplar de cada cristal, conforme a orientação indiana (dispostos na vitrina embutida).

- **Uso artesanal e esotérico.** Diz respeito a exemplares associados ao uso esotérico e religioso associados à energia dos cristais, tais como: a bola de cristal, as pedras representativas dos meses do ano, pedras dos Orixás, mandala, duendes, árvore da felicidade, cujos objetos figurativos foram expostos em uma vitrina embutida. Faz parte deste núcleo o painel com a pedra mística do mês. A Figura 12 mostra o resultado

⁴ Para mais informações sobre tipos de textos expositivos, consultar o capítulo 8 de Fernandez conforme as referências.

das vitrinas dos Chakras (módulo 2) e do uso artesanal e esotérico (módulo 3) após a Requalificação da exposição.

Faz-se necessário ressaltar, como vimos anteriormente, que os painéis não passaram por reforma física ou reformulação textual, mas, por outro lado, passaram a estar vinculados aos novos núcleos expositivos: o de abertura da exposição e o mapa da Bahia, associados ao “Cristais, origem do nome e aspectos históricos”; a imagem dos principais chacras do corpo humano, ao “Cristais e Chacras uso terapêutico” e a imagem do cristal representativo do mês, ao módulo “Uso artesanal e esotérico”, que dispõe de doze imagens, substituídas mensalmente.

Figura 12: Vitrines da Exposição.



Fonte: Autor.

Conclusão

A requalificação da exposição Energia dos Cristais foi iniciada em julho e concluída em novembro de 2016. Considerando as condições físicas do local, as características do acervo, a indisponibilidade de recursos para promover reformas, o mobiliário embutido, a quantidade de objetos e de informações existentes, pode-se inferir que a requalificação obteve um resultado satisfatório.

O expositor mais danificado ganhou um novo formato, promovendo o direcionamento da atenção para os objetos e reduzindo a densidade das cores utilizadas no ambiente; o revestimento em cinza mais claro (quase azul) iluminou o ambiente. A estrutura arquitetônica em torno da banheira foi incorporada ao ambiente ampliando o espaço de circulação, possibilitando melhor fruição do público, sejam em visitas de pequenos grupos ou individuais. A ampliação da área de circulação viabilizou, também, o aproveitamento,

em escala horizontal, do espaço para visualização dos objetos no expositor e nas vitrinas (Figuras 6 e 11). Ressalta-se que houve uma organização do acervo em núcleos temáticos, o que favorece o entendimento e promove a harmonização do acervo, sendo que as peças foram agrupadas nos três novos módulos expositivos.

O número excessivo de objetos com as mesmas características tornava o ambiente visualmente “pesado” comprometendo a percepção do espaço museológico. Dessa forma, a coleção que contava com 99 peças, sendo muitos exemplares repetidos, com a requalificação, passou a contar com 57 exemplares.

O excesso de textos informativos foram retirados, quando o conteúdo foi classificado como repetitivo; e reduzidos, quando julgados muito longos criando versões resumidas, enxutas e objetivas, em visto disso, os displays antigos e grandes foram substituídos por menores para acomodar os novos textos.

Assim como os displays, os pedestais em acrílico estavam guardados no depósito da instituição, e foram um diferencial no processo de renovação do espaço museológico. Estes suportes, possibilitaram aos objetos, destaque visual individual, e concomitantemente em conjunto, através da alternância sequencial de diferentes alturas dos pedestais, proporcionando a sensação de movimento.

A requalificação de uma exposição de longa duração renova o processo de comunicação com o visitante, viabiliza a dinamização do acervo e revitaliza os espaços museológicos que, muitas vezes, permanecem intactos por anos, desestimulando a frequência do público.

Referências

- BARBOSA, Fernando López. **Manual de montaje de exposiciones**. Bogotá: Museo nacional de Colombia, 1993.
- CRESPO FILHO, Jayme Moreira. **Preservação e difusão do Patrimônio Cultural do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso; FERNÁNDEZ, Isabel García. **Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje**. Espanha, Alianza, 2014.
- SUESCUN, Lilian; SCHEINER, Tereza. A linguagem expositiva e o modo como se apresenta no jardim botânico do Rio de Janeiro. ASENSIO, Smedo, SOUZA, Asenjo & Castro (Eds.) SIAM. **Series Iberoamericanas de Museología**. Vol. 5, 2012.

Enviado em 05/07/2017.

Aceito em 15/08/2017.